

## O TIJOLO

O tijolo nada mais é que um paralelepípedo feito a base de argila homogeneamente misturada, compactado, enformado com o nome do fabricante e colocado ao ar livre para cura e posteriormente num forno em alta temperatura para adquirir resistência. Após esse processo os tijolos são dispostos empilhados no terreiro da olaria ou cerâmica, aguardando a comercialização. Existem diversos tipos de tijolo: Baiano, comum, comuns furados para revestir churrasqueiras que servem de apoio para os espetos; nos quintais e lajes, improvisando uma churrasqueira para “matar o tempo”; os coloridos com saliências em calçamento para deficientes visuais; em blocos de seis ou nove furos, e também na gíria “tijolo de maconha, tijolo baiano tipo rapadura”, ou o atacante que deu uma tijolada rumo ao Gol. Das muitas utilidades do tijolo na construção civil, tais como: Baldrames, alicerces, paredes, pisos, muros, fechar carneiro/túmulo pós-sepultamento, etc. Têm muitas particularidades que não são notadas: Quem já alguma vez não utilizou um tijolo para ficar mais alto, para alcançar um objeto acima da sua altura?. Ou ainda, colocou sob um móvel para elevar e evitar uma possível enchente? Ou utilizou de um “pedaço” para atingir alguém numa briga? Ou o carteiro, o lixeiro, o leitor de luz, o de água para ameaçar um cachorro que rosna para seus uniformes coloridos? O pedreiro quando reboca uma parede utiliza-se de pedaços de tijolo para encher buracos a fim de economizar argamassa. Com um pedacinho de tijolo, como se fosse giz/lousa anota-se na parede uma medida, um número de telefone; num papelzinho você manda um recado para seu ou sua namorada, ou mesmo para um amigo detido em alguma cadeia, jogando pelo muro ou pela janela. Um fato pitoresco que vivenciei no ano de mil novecentos e sessenta e três quando da construção da ponte Bauru/Ibitinga sobre o rio Tietê, em que os peões das mais diversas cidades e principalmente regional, eram alojados na vizinha cidade de Jacanga. Jacanga tinha rivalidade com a também cidade vizinha de Reginópolis em que os garotões vinham de Arealva, Quilombo, Ibitinga, Tabatinga ou das áreas rurais, fazer o “foot” nos sábados, domingos ou feriados e se engraçavam com as “meninas”, que por sua vez, queriam “caras” novas. Num desses eventos, houve um briga generalizada envolvendo: garotos, garotas, meninos, meninas, homens, mulheres e até cachorros na principal rua de Jacanga, a Nove de julho. Havia uma pilha de tijolos junto ao muro que estava sendo usado na construção de uma casa; a briga que começou no

início da noite, de um belo sábado, e se prolongou por muitas horas onde se utilizou dos tijolos para atingir os adversários. As marcas ficaram por toda parte: muros, paredes, vidraças, luminárias; a pilha de tijolo “sumiu”; muitos feridos socorridos nas ruas e em hospital; bares fecharam suas portas, reabrindo após a “batalha”. A bagunça acabou, dispersou a multidão e o “foot”, alegria da juventude da época também acabou e cada um foi para suas casas e os Reginopolenses não mais retornaram a lacanga. Dos mais antigos, quando visitam lacanga, tem na ponta da língua: “vai um tijolo aí...” Hoje é só lembrança. Citei essa passagem para ver a “utilidade” do tijolo. Outro fato interessante com a “utilidade” de tijolos, e o que mais vier pela frente: Ferro, paus, lâmpadas, brita, pedra de calçamento, etc., são esses confrontos de baderneiros com policiais, onde os tijolos arremessados pelos “anarquistas” e balas de borracha pelos policiais, cruzam as ruas tentando apaziguar os conflitos. Abrindo um parêntesis: Fui traído pela minha crônica: Ainda ontem, passeando pelas ruas do meu bairro, tropecei num “meio-tijolo” e estatelei-me no chão, o que me causou diversas raladuras pelo corpo. Quem estava por perto, apesar das risadas, tentaram me socorrer, porém, sacudi a poeira, levantei e continuei o meu Cooper. (Só risada da plateia, KKKKK) – José Rosa Coelho - Monte Mor - SP.